

“Experiência n.2” – Uma deriva *avant la lettre*?

Giórgio Zimann Gislon (UFSC)

Resumo

Flávio de Carvalho realizou a Experiência N.2, que depois relatou em livro dividido em dois capítulos chamados: “A experiência” e “Análise”, em 1931. A experiência consistiu em sair às ruas de São Paulo, no meio de uma procissão de Corpus Christi, de chapéu na cabeça. Anos mais tarde, em Paris, um grupo de jovens pensadores e revolucionários de inspiração marxista participou de algumas atividades que lembram a experiência de Flávio de Carvalho. Uma delas era sair de casa e seguir a primeira pessoa que usasse determinado adereço ou uma peça de roupa de tal cor. Esse grupo francês, chamado de Situcionista, teve uma revista em que Guy Debord, um dos seus principais integrantes, escreveu, inclusive, a teoria desse tipo de atividade, a teoria da deriva. Aqui serão demonstrados os pontos de contatos entre a deriva situcionista e a Experiência N.2 de Flávio de Carvalho, que são: psicologia da rua, experiência, acaso e jogo.

Palavras-chave: Experiência N.2; deriva; Flávio de Carvalho; Guy Debord; jogo.

Abstract

Flavio de Carvalho's “Experiência N.2” took place in 1931, and it was later reported in a book which had two chapters called: “The experience” and “The analysis”. The “Experiência N.2” consisted in Flavio keeping his hat on while walking along the Corpus Christi religious parade, in São Paulo. Years later in Paris, a group of young thinkers and Marxist revolutionaries did some activities that are related to the ones done by Flavio de Carvalho. One of them consists in one going out and following the first person who wears some specific colored clothe. This French group, later called Situationists, edited a journal where one of their leaders, Guy Debord, published the *dérive* theory. Here, the aim is to show the relations between the situationist *dérive* and Flavio de Carvalho's “Experiencia N.2”, such as street psychology, experience, fortuity and play.

Keywords: *dérive*; “Experiência N.2”; Guy Debord; Flavio de Carvalho; play.

Introdução

O conceito de deriva - tal como proposto por Guy Debord na Revista da Internacional Situacionista, em 1958 - e a “Experiência N.2” - uma passagem sem tirar o chapéu, por uma procissão de Corpus Christi, na cidade de São Paulo, em 1931 - têm algo em comum. Busca-se neste artigo demonstrar as possíveis aproximações e necessários distanciamentos entre as teorias e práticas das derivas situacionistas e das experiências do artista antropófago.

Antes de tratar detalhadamente o conceito de deriva e a narrativa de Flávio de Carvalho, pode-se afirmar que a aproximação evidente entre os dois autores se dá pela designação, tanto por Guy Debord, quanto por Flávio de Carvalho, de suas atividades como experiências com a psicologia. Psicologia de massas para Flávio de Carvalho, psicogeografia para Guy Debord; para ambos, psicologia nas ruas. Os dois buscavam criar estímulos para testar percepções, a própria percepção para Debord, a percepção dos outros para Flávio de Carvalho.

De antemão, o maior distanciamento que se observa entre o conceito de deriva e a prática da “Experiência N.2” são as linhagens teóricas às quais os dois autores se filiam. Guy Debord foi um agitador, um revolucionário francês influenciado pelos dadaístas, pelos surrealistas, por Nietzsche, por Henri Lefebvre e por Gyorgy Lukács. Segundo Anselm Jappe – que escreveu um livro chamado “Guy Debord”, em que analisa a contribuição de Debord para o pensamento marxista – o revolucionário francês foi especialmente influenciado pelo marxismo hegeliano proveniente da leitura de “História e consciência de classe”, sobretudo pelos conceitos de alienação, reificação e totalidade.

Flávio de Carvalho, por sua vez, foi um antropófago paulista, que diferentemente de Oswald de Andrade, tinha profissão, tanto que ela está assinalada na contracapa do livro “Experiência N.2”: engenheiro. A profissão não impediu, entretanto, que Flávio de Carvalho se imiscuisse pela arquitetura, pintura e dramaturgia, influenciado teoricamente, principalmente, pela psicanálise freudiana e pela antropologia do inglês James Frazer. Ademais das diferentes linhagens, eles viveram em diferentes épocas, tanto que Flávio de Carvalho morreu em 1973, quando Guy Debord ainda estava em plena atividade. Para fazer outros apontamentos, além das relações de influências, convém analisar os escritos dos dois autores. Primeiro a “Experiência N.2”.

A “experiência n.2” de Flávio de Carvalho

¹ CARVALHO, Flávio de. *Experiência N.2*, 2001. p. 16

² Idem

³ Ibidem, p. 18.

⁴ Ibidem, p. 23.

⁵ Ibidem, p. 24.

⁶ Idem.

A “Experiência N.2” começou quando Flávio de Carvalho caminhava por São Paulo e avistou uma procissão de Corpus Christi. Ao parar para examiná-la, teve o seguinte pensamento:

[...] me ocorreu a idéia de fazer uma experiência, desvendar a alma dos crentes por meio de um reagente qualquer que permitisse estudar a reação nas fisionomias, nos gestos, no passo, no olhar, sentir enfim o pulso do ambiente, palpar psicologicamente a emoção tempestuosa da alma coletiva, registrar o escoamento dessa emoção, provocar a revolta para ver alguma coisa do inconsciente.¹

Ele decidiu, rapidamente, o reagente que usaria para dar início àquilo que chamou de experiência de psicologia das multidões: “Tomei logo a resolução de passar em revista o cortejo, conservando o meu chapéu na cabeça e andando em direção oposta à que ele seguia para melhor observar o feito do meu ato ímpio na fisionomia dos crentes”² Não contente com as primeiras reações resignadas de padres e freiras, frente a ele que ofendia a procissão permanecendo de chapéu, Flávio de Carvalho decide procurar o acaso: “Não tinha mais o que observar ali. Continuei o meu caminho em busca de um novo panorama.”³

O artista paulista que procurava o acaso encontra, facilmente, uma adversária feroz, a massa: “Contemplei por alguns instantes esta cena curiosa; uma massa de gente levada ao extremo do ódio desejando me devorar e controlada por uma emoção qualquer que a retinha indecisa”⁴. A sua intervenção na procissão tem a função de transformar, ou melhor, evidenciar a transformação da multidão, que anos antes poderia ter sido admirada por um *flâneur*, em massa. A massa reage furiosamente contra o artista. Ele chega a “tentar fazer uso do poder de raciocínio das massas”⁵, porém, ele mesmo percebe que a massa se comporta “pela emotividade ancestral, e não pelo raciocínio.”⁶

Em certo momento, alguém conseguiu tirar o chapéu de Flávio de Carvalho, mas isso não diminui a fúria da massa. Apesar disso a massa hesitava em agredir fisicamente Flávio de Carvalho. O engenheiro aproveitou da indecisão para fugir pelo meio da procissão, de modo que as pessoas que nela estavam formaram uma barreira de proteção que permitiu a ele distanciar-se alguns metros daqueles que a esta altura já bradavam “pega!”, “lincha!” e “mata!”. Ele atribui o “insight” a seu inconsciente, dado que a sua condição era de ocaso do raciocínio em meio ao turbilhão emotivo que a situação de perigo mo-

⁷ Ibidem, p.31.

⁸ Ibidem, p. 37.

⁹ Ibidem, p. 39.

¹⁰ Ibidem, p. 40.

¹¹ WISNIK, Jose Miguel. *O som e o sentido*. 1999. p. 27.

tivava. A decisão, segundo o engenheiro paulista, era “produto de uma seleção natural para mim psiquicamente inconsciente”⁷.

Ele conseguiu, por fim, entrar numa das únicas lojas abertas na cidade, pois era domingo, uma leiteria, o que seria hoje talvez uma confeitaria. Dentro dessa leiteria, a entrada de Flávio de Carvalho correndo causou alvoroço e ele teve a impressão “que corria atrás de um bando de galinhas”⁸, tamanho era o tumulto causado pela sua presença. Por fim, chegou até a cozinha, onde percebeu os cozinheiros como “bonecos sem vida suspensos no espaço”⁹.

Flávio de Carvalho subiu para o sótão por uma claraboia e pela primeira vez desde o começo da experiência encontrou-se sem saída, escondeu-se, então, dentro de uma latrina. Neste momento, com medo aflorado, ele relata: “eu era duas personalidades sempre uma se manifestando depois da outra, e creio que nunca senti as duas ao mesmo tempo, uma era a crítica que já mencionei e a outra era o meu eu dominado pelo medo.”¹⁰

Neste momento, o artista teve um delírio em que se via sendo rasgado pela multidão, logo em seguida um policial surgiu através da claraboia, Flávio de Carvalho estava preso. No caminho para sair do sótão em que se encontrava, ele percebeu ainda uma escada, que estava do lado do buraco que levava à cozinha. Ela podia ter servido para que ele prolongasse sua experiência, no momento em que poderia usá-la, entretanto, ele não a viu. Seu inconsciente decisório, que ele considerou como responsável pela exitosa fuga da procissão, de certa maneira, traiu-o. A multidão retornou à procissão e se acalmou, especialmente quando recomeçaram os cânticos. Também quando estava no começo da experiência Flávio de Carvalho havia percebido o efeito calmante dos cânticos. Sobre cantar em grupo, José Miguel Wisnik afirma, em “O som e o sentido”, que: “um som constante (um único som musical afinado diminui o grau de incerteza do universo, porque insemina nele um princípio de ordem)”¹¹.

Restaurada a ordem, o final da “Experiência N.2” foi na delegacia, o engenheiro teve que dar explicações às acusações mentirosas de comunismo e de ter jogado bombas na procissão. Ele foi, todavia, liberado sem maiores inconvenientes.

A partir das constatações acima, e sem objetivar verificar a facticidade do relato – pois o próprio artista problematiza no texto a memória como seleção e montagem – pode-se elencar os elementos principais da “Experiência N.2”, são eles: experiência de rua e de estudo, permeada por acaso, jogo e risco.

Acaso na decisão furtiva e na falta de roteiro da ação. Jogo na forma como Flávio de Carvalho não saiu de cena ao constatar aquilo que, em certa medida, esperava – a fúria da massa contra ele. O artista permaneceu realizando movimentos, não desarmou a peça, mas continuou a brincadeira até o seu limite.

Brincadeira que não era apenas lúdica, uma vez que ele correu, realmente, risco de ser linchado. Experiência de rua, acaso, jogo e risco, características que também estão presentes na deriva situacionista.

¹² JAPPE, Anselm. *Guy Debord*. 1999. p. 70.

¹³ *Ibidem*, p. 71.

A deriva situacionista

Experiências de deslocamento pela cidade não são uma criação nem de Flávio de Carvalho, nem dos situacionistas, nem dos surrealistas. Em todo caso, os surrealistas realizavam deambulações - eles saíam a passear por Paris durante a noite com garrafas de vinho. Essas deambulações têm alguma relação com a deriva situacionista, como tem também a flangem, mas diferem dela em um ponto fundamental: a deriva situacionista é uma experiência psicogeográfica que faz parte dos estudos sobre Urbanismo Unitário. É claro que “Nadja” e poemas baudelarianos também servem para uma reflexão sobre a cidade. A deriva situacionista é, todavia, ao menos quando da sua formalização em 1958, singularizada por essa crítica ao urbanismo.

Afinal, o procedimento situacionista já esteve mais próximo da deambulação, pois eles realizavam travessias mais festivas pela cidade em 1952, quando ainda não havia sido criada a Internacional Situacionista e parte do grupo que a criaria se reunia sob o nome de Internacional Letrista. Os situacionistas surgiram, justamente, da fusão entre os letristas e o Movimento por uma Bauhaus Imaginista, que se opunha à Bauhaus formalista e tinha como integrantes, entre outros, os pintores Asper Jorn e Pinot-Gallizio.

O grupo letrista, do qual Guy Debord fez parte, se reunia em torno de Isadore Isou, para quem: “Baudelaire destruiu a anedota; Verlaine, o poema; Rimbaud, o verso e Tzara a palavra substituindo-a pelo nada; porém só Isou teve a coragem de reduzir tudo a letras compondo, assim, o nada”¹². Uma proposta de continuação da arte moderna, diferente da proposta de fusão entre arte e vida que fariam anos mais tarde os situacionistas. É importante ressaltar, para a correlação dos feitos letristas e situacionistas com as experiências de Flávio de Carvalho, um escândalo protagonizado pelos Letristas que é narrado no livro de Anselm Jappe:

Na páscoa de 1950, ocorreu um escândalo espetacular na catedral de Notre-Dame: um jovem disfarçado de dominicano sobe ao púlpito e anuncia aos fiéis que “Deus está morto”. Este ato termina com uma tentativa de linchamento, uma prisão e fatos nos jornais.¹³

¹⁴ Ibidem, p. 79.

¹⁵ JACQUES, Paola Berenstein (org). *Apologia da Deriva*, 2003.

¹⁶ Ibidem, p. 102.

¹⁷ Ibidem, p. 65.

¹⁸ Ibidem, p. 104.

Acontecimento parecido com a experiência de Flávio de Carvalho, tanto na sua notoriedade, quanto na sua relação com a religião. Mas, retornando à tarefa de situar o conceito de deriva dentro do pensamento situacionista, é importante ressaltar que, ainda segundo Jappe, para os situacionistas: “A busca da aventura, da paixão e do jogo deve desenvolver-se com o rigor de uma organização revolucionária de tipo leninista.”¹⁴ Mesmo que eles nunca tenham se declarado leninistas.

Da Internacional Letrista à Internacional Situacionista, a diferença é que o pensamento marxista foi incorporado e veio a ser tão importante quanto as reflexões sobre arte. A formalização da teoria da deriva pode ser compreendida por essa via, a partir da compreensão de deriva como parte do programa situacionista de Urbanismo Unitário.

O Urbanismo Unitário é unitário porque provém da fusão entre as áreas de moradia e de trabalho, além de estar em relação com a fusão entre trabalho e tempo livre. No texto “O urbanismo unitário no fim dos anos 1950”, publicado em revista em 1959, os situacionistas argumentam:

O urbanismo unitário se distingue dos problemas do habitat, mas deverá englobá-los; e se distingue ainda mais das atuais trocas comerciais. Neste momento, ele busca um terreno de experiência para o espaço social das cidades futuras. Não é uma reação contra o funcionalismo, mas a sua superação: trata-se de atingir, além do aspecto utilitário imediato, um ambiente funcional apaixonante.¹⁵

Além da busca apaixonada, esse tipo de urbanismo está em consonância com a busca de fusão entre arte e vida que motivava os situacionistas, de modo que: “O urbanismo unitário coincide objetivamente com os interesses de subversão do todo.”¹⁶ O todo é entendido como suspensão da distinção entre vida e arte através da revolução. Neste contexto, a deriva foi definida em 1958 como: “Modo de comportamento experimental ligado às condições da sociedade urbana: técnica de passagem rápida por ambiências variadas.”¹⁷

Como a deriva é “concomitantemente meio de estudo e jogo do meio urbano, ela está no caminho do urbanismo unitário”, mas ela também será maneira de se relacionar com o terreno no futuro, nas palavras dos situacionistas, no “momento em que chegarmos à ligação ativa entre a deriva e a construção urbana situacionista”¹⁸. A deriva é simultaneamente meio de estudo e de jogo, é interessante notar que a deriva funde a perspectiva da revolução com o depois da revolução.

Para Mario Perniola, que escreveu uma monografia intitulada: “Os situacionistas: o movimento que profetizou a ‘Sociedade do Espetáculo’”, a deriva tem um aspecto duplo, um lado passivo e outro ativo. Segundo o pensador italiano:

de um lado ela comporta a renúncia a objetivos e a metas pré-fixadas e o abandono às solicitações do terreno e aos encontros ocasionais; de outro implica o domínio e o conhecimento das variações psicológicas. Além disso, ela não é, como as experiências de deambulação dos surrealistas, meramente, arbitrária, mas reflete uma situação urbana, objetiva, de interesse ou de tédio.¹⁹

¹⁹ PERNIOLA, Mario. *Os situacionistas*, 2009.

²⁰ JACQUES, Paola Berenstein (org). *Corpos e cenários urbanos*, 2006. p. 131.

A citação de Perniola ressalta os aspectos de acaso e jogo da deriva que são os mais conhecidos e os que permaneceram em evidência, talvez porque é muito mais fácil realizar uma deriva do que desenvolver o projeto situacionista do Urbanismo Unitário. Deve-se atentar, portanto, aos dois pólos da deriva, tanto o lúdico, quanto o construtivo. Os situacionistas ao mesmo tempo em que estavam brincando, estavam também realizando pesquisas arriscadas sobre lugares tão inóspitos quanto as partes proibidas das catacumbas de Paris e prédios abandonados ou em demolição. Sendo assim, tal como da experiência de Flávio de Carvalho, da deriva é aceitável dizer que é uma maneira de estudo de rua permeada por acaso, jogo e risco.

Comentário final

Paola Berenstein Jacques, arquiteta e professora da Universidade Federal da Bahia, organizadora do volume “Apologia da deriva: escritos situacionistas sobre a cidade”, analisa a “Experiência N.2” no texto: “Elogio aos errantes: a arte de se perder na cidade”. Nele, diz que “No Brasil, tanto os artistas modernistas quanto os tropicalistas erraram pela cidade de forma crítica, em “performances” como as Experiências de Flávio de Carvalho, próximo aos surrealistas parisienses dos anos 1930.”. Além disso, ela afirma que Flávio de Carvalho “ajudou na circulação dessas ideias no Brasil, principalmente através de suas deambulações urbanas”²⁰.

Gostaria de colocar uma dúvida sobre essa afirmação, pois ainda que Flávio de Carvalho fosse contemporâneo dos surrealistas e suas experiências tenham um lado dadá inegável, pelo modo de realizá-las, porém, como estudo, ou com a desculpa de estudo, pode-se dizer que eram também, ao mesmo tempo em que deambulações, derivas. Derivas utópicas e ativas, antropofágicas, postas em jogo com vias de servir à construção da cidade do homem nu, onde não haveria nem propriedade, nem matrimônio, nem Deus.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, Flávio de. *A cidade do homem nu*. São Paulo: Museu de Arte Moderna de São Paulo, 2010.

_____. *Experiência N.2 – uma possível teoria e uma experiência*. Rio de Janeiro: Nau 2001.

JACQUES, Paola Berenstein (org). *Apologia da Deriva: escritos situacionistas sobre a cidade*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

_____. *Corpos e cenários urbanos: territórios urbanos e políticas culturais*. Salvador: EDUFBA, 2006.

JAPPE, Anselm. *Guy Debord*. Petrópolis: Vozes, 1999.

PERNIOLA, Mario. *Os situacionistas – o movimento que profetizou a sociedade do espetáculo*. São Paulo: Annablume, 2009.

WISNIK, Jose Miguel. *O som e o sentido: uma outra história das músicas*. São Paulo (SP): Companhia das Letras, 1999.